

## CINEMA, TEMPO, MEMÓRIA E PINTURA EM “THE GARDEN OF EARTHLY DELIGHTS” DE LECH MAJEWSKI

Maiara Mascarenhas de Lacerda Silva<sup>1</sup>; Nina Velasco e Cruz<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Estudante do Curso de Cinema e Audiovisual – CAC – UFPE; E-mail: maimascarenhas@gmail.com,

<sup>2</sup>Docente/pesquisador do Depto de Comunicação – CAC – UFPE. E-mail: ninavelascoc@gmail.com .

**Sumário:** em 1939, Henri Bergson publicou *Matéria e Memória*. No livro, podemos perceber que, através de forças criativas da memória, os indivíduos são capazes de experimentar sensações tangíveis do eu, do mundo e da cultura. Dentro desse contexto, a presente pesquisa tenta revelar como *The Garden of Earthly Delights* (Lech Majewski, 2004) é um filme no qual a memória abre espaço para uma compreensão do mundo além do seu significado construído.

**Palavras-chave:** Henri Bergson; Hieronymus Bosch; Lech Majewski;; memória; *The Garden of Earthly Delights*

### INTRODUÇÃO

Na tentativa de entender como a nossa relação com um filme, uma novela e/ou uma pintura pode afetar instâncias individuais e coletivas de nossas vidas, esta pequena pesquisa espera revelar a presença de conceitos como *memória*; *tempo* e *memória protética* em *The Garden of Earthly Delights* (Lech Majewski, 2004).

Nascido na Polônia em 1963, Lech Majewski é poeta, novelista, compositor, designer de cenários, diretor e produtor de filmes e videoartes. Em seu trabalho, ele manipula suportes diversos (incluindo filme, vídeo, performance, texto, etc..) e tenta romper os nossos hábitos, retomando e desestabilizando objetos cuja rede de significações já nos parece totalmente conhecida e normatizada.

Em 2002, por exemplo, Lech Majewski escreve *Metaphysics*, uma curta novela a partir da qual procura *dobrar*<sup>1</sup> conceitos e ideias acerca da memória; do tempo; das perdas; da condição do ser e dos movimentos de despedida. Já em 2004, tentando se reconectar a essa novela e retomando o tríptico *The Garden of Earthly Delights* (1503-1504, Hieronymus Bosch), Lech Majewski dirige os atores Claudine Spiteri e Chris Nightingale em um experimento romântico, através do qual a dupla tenta reviver a obra de Bosch, enquanto um câncer de garganta os impele a lidar, cada um à sua maneira, com a espreita da morte.

Filmes como *The Garden of Earthly Delights* (2004) perpassam por questões como lembrança; tempo; narratividade; memória e *memória protética*. Por isso, será a base da fundamentação teórica desta investigação científica os seguintes livros: *O que é a filosofia?* (Gilles Deleuze e Felix Guattari, 2013); *Bergsonismo* (Gilles Deleuze, 2012); *A máquina de esperar: origem e estética da fotografia moderna* (Maurício Lissosvsky, 2008); *O olho interminável: cinema e pintura* (Jacques Aumont, 2004) e *Cinema, vídeo, Godard* (Philippe Dubois, 2004).

---

<sup>1</sup> O conceito deleuziano de dobra (1991) esconde a dialética da dominação - aquele que dobra é o senhor, o dominante; e o que é dobrado o escravo, o dominado. Por isso, quando Deleuze propõe a dobra como questão ética da atualidade, ele também traz à tona a questão sobre como se dobrar. Desse modo, “ao dobrar” a lógica do capital ou daquilo que é normatizado, por exemplo, o sujeito não possui, de antemão, uma resposta pronta para solucionar o problema. Na verdade, o que se verifica é que o sujeito, “ao dobrar”, passa a construir uma multiplicidade de condições, a partir da qual o problema (para fugir da lógica do capital) pode se exprimir.

## MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia se divide em três eixos que se interconectam: 1) uma pesquisa bibliográfica centrada nas principais questões teóricas do projeto, a saber: os conceitos como “narratividade”, “tempo”, “memória”, “memória protética”, entre outros, a partir de autores como Jacques Aumont, Gilles Deleuze, Felix Guattari, Maurício Lissosvky, Henri Bergson, José van Dijck e Jonathan Crary; 2) discussão teórica desenvolvida nos encontros do grupo de estudos coordenado pela orientadora que reúne pesquisadores da pós-graduação e estudantes de graduação em torno da questão da temporalidade nas imagens técnicas contemporâneas; 3) análise do filme que compõe o *corpus*, a partir do referencial teórico construído ao longo da pesquisa. É importante ressaltar que, além do filme que compõe o *corpus*, este projeto objetiva também uma pesquisa audiovisual que amplie o repertório do pesquisador para enriquecer suas análises.

## RESULTADOS

Em 1939, Henri Bergson publicou *Matéria e Memória*, apontando que a *memória* é um arcabouço, um arquivo, um repertório, um lugar de virtualidade onde estão condensadas tanto lembranças que já foram atualizadas (isto é, lembranças imagens), como lembranças as quais nunca foram atualizadas (isto é, lembranças puras) através do contato com as percepções oferecidas pelos objetos com os quais lidamos, até aquele ponto, em nossa vida.

Já naquela época, Bergson também sinalizou sobre a necessidade de compreender como a percepção de um objeto emanava deste, e não de seu observador. Isto é, todas as possibilidades perceptivas de um objeto estavam contidas nele mesmo. Dessa forma, o filósofo procurou nos revelar a existência de uma memória no mundo que era infinita, esta que talvez jamais fôssemos capazes de conhecer ou usar em sua plenitude dada a sua potência, mas a qual todos nós podemos acessar.

Nesse pressuposto, por sua vez, está guardada a ideia de que não é a imagem que procuramos quando estamos diante de um quadro ou de um filme ou de um ensaio, mas o seu modelo, o seu processo, os fantasmas por trás daquela obra acabada. As possibilidades que existiam ali até que embalsamos aquele objeto através de técnicas que fizeram ruir o tempo.

Escolhemos, pois, analisar *The Garden of Earthly Delights* (Lech Majewski, 2004) por enxergar nesse filme uma predisposição criativa para (re)analisar situações correntes como estar diante de um objeto e tentar representá-lo; experienciar um antigo quadro famoso; usar uma câmera de vídeo; lidar com as perdas e a morte etc.. Da mesma forma, a película suporta o nosso arcabouço teórico, podendo amparar a nossa necessidade de tentar projetar em exemplos a teoria que aqui tratamos.

## DISCUSSÃO

*The Garden of Earthly Delights* (Lech Majewski, 2004) trata da vida de Cláudia (Claudine Spiteri), uma mulher acometida por um câncer na garganta, que conhece Chris (Chris Nightingale), um pós-doutorando em Engenharia Marítima aficionado por uma câmera de mini DV. Cláudia também está no pós-doutorado, só que em História da Arte. Os dois se conhecem numa embarcação e se aproximam, num primeiro momento, para que Chris ajude Cláudia a fazer um filme sobre Bosch.

Obviamente, Cláudia não escolheu, em particular, *The Garden of Earthly Delights* (1503-1504) à toa. Como a personagem coloca, “para Bosch, não existe outro paraíso, só aquele criado por você durante a sua própria vida”. Será, portanto, missão de Cláudia e Chris viver esse paraíso a partir da obra de Bosch. Relendo infinitas vezes fragmentos da pintura.

Um quadro parado, aparentemente, silencia o tempo: seria o caso da obra de Bosch ou da obra de Bruegel sobre a qual Lech Majewski também fez um filme em 2011 – a saber *O Moinho e Cruz* (2011).

Sabemos, contudo, que o tempo insiste justamente ali onde parece oculto. Como aponta Maurício Lissosvky (2008): o tempo, que, outrora, pareceu ter sido retirado do objeto representado, refluí para fora da imagem. Isto é, “o dar-se a ver da obra de arte” faz entrar em ressonância o “falar-se dela” (LISSOSVKY, 2008, p. 41), e é por isso que a narração sucede fora da imagem.

Talvez seja isso que incite Chris a gravar tudo. A responder para o médico, enquanto esperava Cláudia sair da cirurgia, “registro tudo” (MAJEWSKI, 2004). No que Bergson comenta sobre um mundo prenhe de infinitas possibilidades e rearranjos de experiências, vemos Chris obcecado pela possibilidade de esquematizar a coexistência e/ou a continuidade de todas as facetas e novidades de que o convívio com Cláudia poderia lhe dispor.

Nesse sentido, assistimos ao filme e sabemos que Cláudia sempre esteve ali com Chris; enquanto ele empunhava a sua câmera, Cláudia respondia, interagia com Chris que mirava a câmera contra ela: Cláudia também dirigia Chris, os ângulos, os seus tempos mortos, Cláudia inclusive tomava a câmera de Chris e o mirava.

É preciso, pois, que saudemos Lech Majewski por ele ter deixado que Chris e Cláudia falassem pela obra de Bosch e de suas vidas da forma como eles falaram. Vamos saudar Lech Majewski por ele ter permitido que a edição do seu filme se desenhasse a partir de um registro executado por Chris por meio de uma câmera de vídeo.

Não é por acaso que *The Garden of Earthly Delights* (2004) funcione como um objeto de *memória protética*. Isto é, como um bloco de construção mediada capaz de moldar o nosso processo de recordação e afetar a nossa mediação com relação às nossas lembranças de amor, morte, vida, liberdade, tempo etc.. De modo que, num contínuo projeto de auto-formação, é possível que sejamos tomados pela possibilidade de reviver, ajustar, mudar, rever nossas lembranças, quando assistimos à película.

Grandes obras como *The Garden of Earthly Delights* (1503-1504) e *The Garden of Earthly Delights* (2004) são como passagens pelas lembranças e pelo tempo: conservam consigo a gratuidade do potencial imaginativo que somente a memória possui.

## CONCLUSÕES

O entendimento da questão da memória, colocado por Henri Bergson em 1939, talvez seja uma das questões epistemológicas mais fundamentais quando resolvemos nos lançar em meio ao aventuroso caminho da Teoria da Arte.

Se a memória parece ser o local em que estão conservadas todas as nossas possibilidades de devir, e o presente, por sua vez, nada mais é do que a atualização de quaisquer dessas possibilidades; podemos dizer também que “a percepção dispõe do espaço na exata proporção em que a ação dispõe do tempo” (BERGSON, 2011, p. 29).

Ora, uma das grandes contribuições de “Bergson para os artistas e os teóricos da arte decorre do reconhecimento e da importância que ele atribui a esse intervalo entre a percepção e a ação pragmática” (FATORELLI *in* PARENTE, 2013, p. 161).

É verdade que existem várias maneiras de se lidar com noções e conceitos já normatizados em nossa sociedade, sobretudo, aqueles que dizem respeito à percepção normativa. Mas a perspectiva criativa – ou da arte – é certamente a mais desviante de todas.

Talvez até se possa dizer que um dos papéis mais importantes da arte, numa sociedade tecnocrática como a nossa, seja precisamente a recusa sistemática da lógica

capitalista. É nesse sentido que Hieronymus Bosch e Lech Majewski manipulam os sentidos de libertação, morte, paraíso etc..

Para que atinjamos alturas e tons mais altos de nossa personalidade, talvez precisemos reduzir nosso grau de atenção com relação ao presente e ao controle social. Ou seja, para que atinjamos camadas de lembrança mais detalhadas de nossa memória, é preciso que a nossa atenção se distancie tanto de um equilíbrio-sensório motor do corpo no presente, como de interpretações normatizadas da realidade.

Ainda que inquietantes, as práticas de Bosch, Majewski, Cláudia e Chris na tentativa de (re)compor, (re)viver o paraíso na Terra oferecem uma fantástica superfície na qual objetos discursivos, práticas materiais e artefatos de representação estão igualmente envolvidos em torno da produção de efeitos de poder e de novos tipos de subjetividades (CRARY, 2013).

### AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, à minha orientadora Nina Velasco e Cruz, aos meus colegas de classe e também à UFPE por serem parte desse meu momento tão importante e prazeroso que é conviver dentro do ambiente acadêmico de uma universidade pública comprometida com a produção do conhecimento científico.

### REFERÊNCIAS

AUMONT, Jacques. **O olho interminável: cinema e pintura.** São Paulo: Cosac Naify, 2004. 1ª reimpressão.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito.** São Paulo: Martins Fontes, 2011. 4ª edição, 2ª tiragem.

CRARY, Jonathan. **Suspensões da percepção: atenção, espetáculo e cultura moderna.** São Paulo: Cosac Naify, 2013.

DELEUZE, Gilles; Felix, GUATTARI. **O que é a Filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2013. 3ª edição, 1ª reimpressão.

DELEUZE, Gilles. **A Dobra em Leibniz e o Barroco.** Campinas: Papirus, 1991.

\_\_\_\_\_. **Bergsonismo.** São Paulo: Editora 34, 2012. 2ª edição.

DIJCK, José van. **Mediated Memories in the Digital Age.** Stanford, California: Stanford University Press, 2007.

DUBOIS, Philippe. **Cinema, video, Godard.** São Paulo: Cosac Naify, 2004.

LISOVSKY, Maurício. **A máquina de esperar: origem e estética da fotografia moderna.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

MAJEWSKI, Lech. **The Garden of Earthly Delights.** Reino Unido, Itália e Polônia, 2004. (Filme).

PARENTE, André (Org.). **Cinema/Deleuze.** Campinas, SP: Papirus, 2013.